

1

Shlomo Gold sabia que só passados muitos anos seria capaz de estacionar o carro em frente ao Instituto, na Rua Disraeli, sem sentir uma mão gelada apertar-lhe o coração. Chegava a pensar, por vezes, que a sociedade de análise, situada em Talbieh, deveria mudar de instalações só para ele não ter de experimentar esta ansiedade recorrente. Considerara, também, a hipótese de pedir uma autorização especial para tratar os doentes noutra sítio, mas os supervisores pensavam que ele devia enfrentar a situação com os seus próprios recursos internos e não através de alterações exteriores.

Ainda ouvia as palavras do velho Hildesheimer a ecoar-lhe na cabeça. Não era o edifício que estava em causa, dissera o velho senhor. Não era ele que lhe estava a provocar ansiedade. Eram os seus próprios sentimentos em relação ao acontecimento. Desde o dia em que tudo sucedera, sempre que se aproximava do prédio, Gold ouvia aquelas palavras, no seu forte sotaque alemão. Em especial, a frase em que lhe diziam que deveria enfrentar as próprias emoções e não as paredes de pedra.

Naturalmente, referira então Hildesheimer, era necessário tomar em conta o facto de ser a analista dele, Gold, quem estava em causa e talvez (o velho senhor lançou-lhe um olhar perspicaz e inquiridor) devesse esforçar-se por «retirar o máximo das dificuldades da situação». Mas Shlomo Gold, que em tempos se orgulhara tanto de ter as chaves do edifício a seu cargo, já não conseguia entrar no seu próprio gabinete do Instituto sem um ataque de ansiedade.

E lembrar o que passara antes de lhe confiarem as chaves! Só ao fim de dois anos a estudar no Instituto a Comissão de Ensino reuniu-se, considerando-o, generosamente, apto para tentar ser um analista a sério e tratar o seu primeiro doente (sob supervisão, claro está). E, agora, de cada vez que abria a porta, nada restava das chaves, do orgulho e da emoção que vinham do sentimento de propriedade. Nada voltara a ser o mesmo desde aquele sábado.

Havia quem desdenhasse a atitude de Gold em relação ao prédio arredondado, de estilo árabe, em que o Instituto se instalara. Até àquele sábado de manhã, exibira a casa de pedra a todos os visitantes de Jerusalém. Nunca escondera o sentimento de pertença que o local lhe evocava. Costumava abrir os braços, como se fosse abraçar a casa atarracada de dois andares, com o jardim grande onde as rosas floriam todo o ano, o seu alpendre circular e a escadaria dupla que desenhava uma curva ascendente de cada lado deste e conduzia à entrada. Em seguida parava, na expectativa de aprovação, do reconhecimento que o edifício real era, de facto, adequado ao seu propósito.

E, agora, toda aquela ingenuidade, a admiração sem reservas, o sentimento de pertença a uma tribo esotérica, o orgulho no seu primeiro paciente, tinham desaparecido para dar lugar à opressão, à ansiedade que o atormentavam desde o «Sábado Negro», tal como lhe chamava no íntimo. O sábado em que se oferecera como voluntário, a fim de preparar o edifício para acolher a conferência que iria proferir a Dr.^a Eva Neidorf, acabada de chegar de Chicago, onde estivera um mês de visita à filha.

Naquele sábado, Shlomo Gold dirigira-se ao edifício sem suspeitar que a sua vida estava prestes a mudar por completo. Um sábado de Março em que o sol brilhava e os pássaros chilreavam, em que, entusiasmado com a perspectiva de se encontrar com Eva Neidorf, saíra cedo de sua casa em Beit Hakerem para arrumar o salão, abrir as cadeiras desdobráveis que estavam na despensa e encher o reservatório grande de água quente. Toda a gente iria querer café num sábado de manhã. A palestra estava marcada para as dez e meia. Poucos minutos antes das nove, o carro dele rolava, suavemente, encosta abaixo.

No ar pairava um silêncio de sabat e o bairro antigo de Jerusalém, sempre tranquilo, estava agora em sossego absoluto. Ao passar pela residência do presidente, perto da Rua Jabotinsky, reparou que até os guardas da segurança estavam ausentes.

Inspirou o ar puro e limpo, evitando, cuidadoso, o gato preto que atravessava a rua com um desdém elegante. Riu-se para dentro das superstições das pessoas chamadas racionais, naquele que seria o seu último sorriso acerca do assunto, pois também em relação a esta matéria a sua atitude mudaria a partir daquele sábado.

A ideia da palestra que se aproximava encheu-o de um sentimento de impaciência. Estava prestes a ver a sua analista, após um intervalo de quatro semanas.

Durante os quatro anos em que fizera análise com Neidorf, ouvira-a proferir várias conferências. Tinham sido todas emocionantes. É certo que ele experimentava sempre uma certa insignificância, uma vaga suspeita de que nunca seria um grande analista. Mas, por outro lado, era uma experiência de aprendizagem única e sabia que ele, Gold, era testemunha do dom raro que Deus havia conferido a Eva Neidorf: uma intuição abençoada, o saber, precisamente, quando falar, quando não intervir, a percepção exacta do grau necessário de afabilidade. Tivera a sorte de, enquanto analisado, beneficiar de tudo isto.

A agenda para aquele sábado continha o título da palestra de Neidorf: «Alguns Aspectos dos Problemas Éticos e Legais do Tratamento Analítico.»

O eufemismo «Alguns Aspectos» não enganava ninguém.

Shlomo Gold sabia que, depois de uma introdução modesta, a conferência daquele sábado seria um mundo e um mundo pleno. As revistas da especialidade publicá-lo-iam, dando origem a debates acalorados e regalava-o pensar que veria as pequenas alterações introduzidas por Neidorf na versão impressa. Mais uma vez, poderia desfrutar da sensação embriagadora de «ter lá estado», tal como alguém que ouve a transmissão de um concerto ao qual assistiu ao vivo.

Estacionou na rua ainda vazia, em frente ao prédio. Tirou o porta-chaves do guarda-luvas. Continha as chaves da porta da entrada, do cadeado do telefone e da despensa. Abriu o portão verde, de ferro,

com a sua placa dourada e discreta que identificava as funções do edifício. Subiu uma das escadas curvas até à porta de madeira, que não era visível da rua. Tal como era hábito, foi incapaz de resistir à tentação de voltar a cabeça e, sob o alpendre, olhar para a rua e para o jardim, grande e florido, libertando os seus perfumes de jasmim e madressilva. Em seguida, com um ligeiro sorriso nos lábios, abriu a porta que dava para o hall escuro.

As janelas estavam fechadas e cobertas por cortinas espessas que, definitivamente, cumpriam o seu papel. Todos os pormenores invisíveis eram-lhe tão familiares como se da casa da sua infância se tratasse. O vestíbulo dava para seis salas com portas de madeira pesadas, nenhuma das quais estava aberta.

Fazendo a retrospectiva, tudo começou com um ruído de vidro a estilhaçar. Tinha, justamente, conseguido encostar a mesa das palestras à parede e estava com o corpo todo inclinado sobre ela. No instante em que o som do vidro a quebrar-se chegou até ele não teve, sequer, de erguer os olhos. Apesar da paralisia momentânea em que se encontrava, soube com exactidão que fotografia caíra.

Ao fim de se sentar muitos anos na sala de conferências a ouvir as apresentações de casos práticos e debates teóricos, enquanto os olhos vagueavam pelas paredes, sabia, tal como toda a gente, o sítio exacto de cada fotografia.

Os retratos dos mortos ocupavam as paredes todas e, depois de terem pendurado o último, uns meses antes, alguém gracejara dizendo que, de ali em diante, todos os restantes teriam de ser imortais. Gold passara muitas e boas horas a fitar os olhos dos mortos, e nada havia nas suas expressões que ele não conhecesse. Lembrava-se, por exemplo, do olhar risonho de Fruma Hollander, uma didacta do Instituto, um membro da geração subsequente à dos fundadores, que morrera de súbito aos sessenta e um anos de idade, de ataque cardíaco. Estava pendurada à direita, junto à entrada, e qualquer pessoa sentada ao fundo da sala, desse mesmo lado, podia ver-lhe os olhos sem o reflexo do vidro. À esquerda da porta estava o retrato de Seymour Levenstein, que viera da Sociedade de Nova Iorque para o Instituto e falecera de cancro aos cinquenta e dois anos. As datas de nascimento e morte estavam inscritas nas molduras, por baixo dos

nomes. Qualquer terapeuta à espera de um doente atrasado podia contemplar, retrato a retrato, as feições dos finados do Instituto.

A fotografia que caíra era de Mimi Zilberthal. Gold lembrava-se de ter perguntado a um dos analistas mais antigos de que tinha ela morrido. Recebera um olhar fulminante ao mesmo tempo que lhe perguntavam que importância tinha isso para ele. Outra pessoa talvez tivesse procurado aprofundar o assunto, mas sentindo haver ali algo particularmente desagradável, preferiu não saber.

Naquele sábado, contudo, depois de tudo se ter desmoronado, apanhou parte de uma conversa entre Joe Linder e Nahum Rosenfeld. Brandindo a fotografia fora do vidro, Joe declarava a Rosenfeld em tom de desafio, quase aos gritos, que lá por ter surgido uma oportunidade para se verem livres do retrato, isso não queria dizer que tinham o direito de o fazer. As palavras que Gold recordava eram as seguintes: «Não se tira a foto de uma pessoa da parede só porque se suicidou.» Ambos estavam na cozinha e não repararam nele, junto à porta. Depois de tudo o que passara naquela manhã, não ficou muito chocado.

Varreu depressa o vidro quebrado e pôs a foto na cozinha, junto ao pequeno frigorífico, indo em seguida até à despensa buscar as cadeiras. Passavam apenas alguns minutos das nove e ainda tinha muito tempo, embora, segundo os seus cálculos, fosse precisar de cerca de cem (vinha gente de todo o país ouvir a palestra de Eva Neidorf). Após ter disposto todas as cadeiras desdobráveis em filas semicirculares, contemplou o trabalho com satisfação. Mesmo assim decidiu ir buscar mais cadeiras às salas vizinhas.

De todas as vezes que ia aos gabinetes do Instituto, sobretudo se calhava estar sozinho no edifício, ficava impressionado pela forma espantosa como se adequavam à sua finalidade. Na primeira sala onde entrou, a do lado direito de quem chega, estava escura, tal como as demais. As janelas altas e a mobília austera criavam um ambiente solene e misterioso. Sempre que afastava as cortinas pesadas via, no seu imaginário, o interior de uma catedral gótica.

Em cada gabinete havia um sofá e, por trás deste, a cadeira de braços compacta do analista que parecia mais confortável do que era. (Toda a gente que trabalhava no Instituto se queixava de dores